

Benni: hilariante paródia da ficção científica

Humor à vista

TERRA!, de Stefano Benni; Marco Zero; 280 páginas; 129 cruzados.



Os autores de livros de ficção científica costumam seguir duas grandes correntes. A primeira delas é a mística, como no caso dos livros russos ou da série *Cano-pus em Argos: Arquivos*, da inglesa Doris Lessing. Nesse caso, a ênfase

é colocada na purificação e elevação espiritual da humanidade, projetada para um futuro longínquo. A outra corrente é a tecnológica, seguida pela maioria dos escritores americanos, tendo Arthur Clarke como exemplo máximo. Nela, engenhocas eletrônicas, computadores e robôs são elementos essenciais, capazes de governar as galáxias. O jornalista italiano Stefano Benni conseguiu inovar. *Terra!*, que foi lançado na Itália em 1983, evita as duas vertentes para fazer uma divertida paródia de ambas. Com muito bom humor e conhecimento de todos os clichês do assunto, Benni criou uma hilariante fantasia sobre o poder.

A história é simples. Depois de cinco guerras nucleares, a Terra está coberta por uma camada de gelo e neve. No ano de 2157, a cidade de Paris é a sede da trôpega federação sino-européia, uma das três que

governam o mundo. As outras são a riquíssima confederação árabe-americano-russa e o Império Militar Samurai. Todos estão em briga permanente pelas escassas fontes de energia que restam no planeta. As aventuras começam quando chega a notícia do descobrimento de uma nova Terra. Sem poluição, com grandes mares e florestas, exatamente como era o planeta há centenas de anos. A boa nova se espalha porque os serviços de espionagem são muito eficazes e as três potências decidem enviar naves à procura do novo planeta.

RATOS AMESTRADOS — Até aí nada de novo, se não fosse a maneira como essa história é contada. Um dos cientistas da federação sino-européia é um menino prodígio de 12 anos de idade nascido de profeta no Centro de Ciências Genéticas de Berlim e

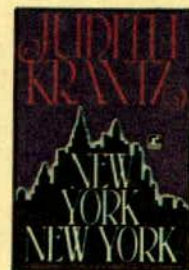
chamado Frank Einstein. Essa associação, entre o cientista que descobriu a teoria da relatividade e o Frankenstein monstruoso criado pela escritora inglesa Mary Shelley e ce-lebrizado em tantos filmes, não é a única. Há várias referências à ópera, com personagens chamados Caruso Raimondi e Leporello, mesmo nome de um personagem de *Don Giovanni*, ópera de Mozart, só que com sobrenome Atari, já que se trata de um robô.

As coisas ficam ainda mais divertidas com a descrição das três naves. A dos árabes é um verdadeiro palácio. A da federação sino-européia tem a cara de Mickey e havia sido usada para cruzeiros infanto-juvenis. A samurai é miniaturizada e, com apenas 4 metros de comprimento, leva dois soldados e um batalhão de ratos amestrados. Como se isso tudo não bastasse, há uma abelha especialista em checagem de equipamento, uma astronauta russa em órbita há 300 anos, uma caçada a asteróides que parodia o romance *Moby Dick* e remanescentes de tribos incas que defendem uma fonte energética escondida sob as ruínas de Machupicchu. Se isso tem ar de samba do robô doido, vale acrescentar computadores com problemas psicológicos para finalizar essa receita bem-sucedida que só tem uma falha: o final pseudofilosófico que, felizmente, só ocupa as últimas onze páginas.

JOÃO CANDIDO GALVÃO **Judith: miniexperiência**

Estilo bruto

NEW YORK, NEW YORK, de Judith Krantz; Record; 383 páginas; 139,90 cruzados.



A editora Amberville, uma das maiores dos Estados Unidos, responsável pela publicação das revistas mais populares do país, se vê em maus lençóis quando o seu fundador Zachary Amberville morre num acidente misterioso. Cutter, irmão de Zachary, passa a reger o império editorial com o único intento de levá-lo à bancarrota. O sentimento que conduz Cutter à destruição da Amberville é dos mais sem sentido já colocados em letra de forma: a inveja do sucesso do irmão morto é o motor que move o personagem. Desconfiada das intenções do tio, a rebelde Maxi, filha de Zachary, surge do nada para salvar a empresa. Até então, Maxi tinha uma maxiexperiência amorosa (três casamentos e dezenas de namorados) e uma miniexperiência editorial. Mesmo assim, Maxi se mostra um gênio do mundo editorial — lança uma revista tremendamente bem-sucedida, reergue a Amberville, ataca o tio e, ao mesmo tempo, continua com sua vida amorosa tumultuada.

Essa trama um tanto descabeçada é o fio condutor do romance *New York, New York (I'll Take Manhattan)*, Estados Unidos, 1986), o novo livro da americana Judith Krantz, autora de *Luxúria* e *A Filha de Mistral*, já publicados no Brasil. No início da carreira, ela foi redatora de revistas de moda em Nova York — e de lá deve ter tirado o material bruto para o seu romance. Esse material, porém, foi pesadamente embrutecido pelo estilo de Judith Krantz, uma romancista que reduz seus temas ao sexo e toda a trama à deslavada fofoca.

Seus personagens, como seu estilo, parecem uma série de clichês sem qualquer vida, projeções da sua falta de imaginação. Segundo um personagem do *New York*, uma revista de moda "leva a fotografos e fotógrafos levam a sexo". Todos os personagens do romance são levados à mesma conclusão.

LINA DE ALBUQUERQUE

